

A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO MIDIÁTICO E DO PROTAGONISMO JUVENIL ATRAVÉS DA ESCRITA DE UM JORNAL ESCOLAR

Giselle Bezerra Mesquita Dutra ¹
Lya Oliveira da Silva Souza Parente ²
Ana Paula Matias ³
Maria Rosilane da Costa ⁴

RESUMO

Propomos neste artigo analisar o exercício do protagonismo juvenil quanto às ações de letramento midiático na produção de um jornal escolar. Para alcançar o objetivo mencionado, adotamos os conceitos de Buckingham (2010) sobre o letramento midiático, assim como as abordagens de Baltar (2010) e de Bonini (2011) sobre as mídias escolares e sobre o jornal escolar, respectivamente, e de Ribas Júnior (2004) sobre o protagonismo juvenil. Sendo uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizamos como técnicas de construção de dados: a observação participante das ações desenvolvidas pelo *Clube do Jornal*, em uma escola pública municipal de Fortaleza, no Ceará; a entrevista semiestruturada com dois membros pertencentes a cargos de gestão do clube e as cartas pessoais redigidas por parte de seus integrantes. Como resultados, analisamos que o protagonismo juvenil, durante a produção do jornal escolar na instituição em estudo, está presente em diversas atividades de letramento midiático, como: na realização de reuniões, na escolha dos gêneros discursivos/textuais para a edição, na organização da hierarquia etc. Verificamos como resultado que esse protagonismo é ainda intuitivo, pois falta uma efetiva consciência desses estudantes quanto às realizações que empreendem. Isso ocorreu porque os professores e os gestores não conseguiram, até o momento da investigação, assessorar a promoção das práticas letradas e o desenvolvimento das ações protagonistas do *Clube do Jornal* por meio da leitura e da escrita midiática do jornal escolar.

Palavras-chave: Letramento midiático, Jornal escolar, Protagonismo juvenil.

INTRODUÇÃO

Há quase uma década, Antunes (2009, p. 212), já afirmava com propriedade que “[...] temos em conta que o desempenho dos alunos, na escrita, não tem correspondido, em geral, ao dispêndio de tempo e de recursos envolvidos na atividade pedagógica do ensino da língua”.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Ceará (UFC) - CE, gibmdutra@gmail.com;

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) - CE, lya.loss@gmail.com;

³ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Ceará (UFC) - CE, anapaulamatias1914@gmail.com;

⁴ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Ceará (UFC) - CE, rosilane_professora@hotmail.com.

Diante disso, podemos inferir que o déficit da escola como agência de letramento tem-se tornado um desafio antigo, que ainda precisa ser enfrentado e resolvido, visto que ele traz à tona reprovação, repetência, evasão e principalmente, a exclusão social.

Kleiman (2005, p. 5), justifica que “[...] o letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar”. Assim sendo, consideramos, por exemplo, que os textos dos jornais cumprem uma estratégia interessante a ser investigada pedagógica, linguística e discursivamente para a configuração do letramento dos educandos, em especial na educação básica. Destarte, levantamos o pressuposto de que o estudo e a produção de enunciados/textos jornalísticos são um bom exemplo de como os professores podem auxiliar os estudantes na construção e/ou na promoção dos letramentos, em especial do letramento midiático (BUCKINGHAM, 2003; 2010), inserido no jornal escolar e nas mídias escolares (BONINI, 2011; BALTAR, 2010).

Apoiamo-nos, para este artigo, na fundamentação mais geral de letramento midiático por entendermos que o jornal está inserido na mídia, pois integra a rede de suportes direcionados a mediar pessoas. Além disso, proporciona aos estudantes uma interação autêntica, via jornal escolar, estamos no caminho para o desenvolvimento dos aspectos conceituais do letramento midiático segundo Buckingham (2010): *representação, produção, uso da língua e audiência*.

Os gêneros discursivos/textuais da esfera midiática, assim como os demais gêneros relacionados às múltiplas interações humanas, cumprem objetivos variados, bem como almejam interlocutores específicos e dispõem-se através de diferenciadas sequências tipológicas, que exprimem intencionalidades dos escritores e dos dirigentes da redação do jornal. Com isso, eles informam, persuadem, divertem, alertam e argumentam em favor de uma ideia; ou seja, estabelecem uma interação com os leitores dessa mídia comunicativa.

Quando esse encontro com os enunciados midiáticos é de própria autoria dos estudantes, configurando não só a “mídia *na* escola”, mas sim a “mídia *da* escola”, Baltar (2010, p. 186) considera que essa atividade tem bastante relevância porque “[...] o trabalho de criação da mídia da escola pode/deve ir muito além de meras atividades didático-pedagógicas descontextualizadas de leitura de periódicos, revistas ou *site* de internet nas aulas de Língua Portuguesa”, haja vista que os gêneros e os textos que circulam na sociedade são cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos.

Por isso, esse autor define como letramento midiático “[...] o domínio de eventos e práticas sociais, tais como a produção de jornal impresso, a produção de programas de tevê e de rádio, bem como o domínio do conteúdo dessas mídias transposto para o formato web”. Baltar (2010, p. 179) ainda argumenta que,

para que os estudantes possam atuar nessas práticas/eventos com autonomia e protagonismo, é imprescindível que a escola lhes proporcione a participação em projetos de letramento que possibilitem a vivência da elaboração de mídias escolares independentes – novos programas, quadros, seções de jornais, etc., e viabilizem, a partir dessas novas práticas e eventos, o surgimento de novos gêneros textuais/discursivos. (BALTAR, 2010, p. 179)

A partir do exposto, acreditamos ser o jornal escolar uma ferramenta propícia para despertar nos estudantes o que Possenti (2002, p. 109) classifica como “singularidade” e “tomada de posição”, na perspectiva de que, sendo eles capazes de escrever textos singulares, são capazes de se mostrar, de pensar sobre o mundo de forma autoral, autêntica e protagonista. Para ele, quando as práticas de escrita na escola propiciam que os discentes sejam escritores autorais, os professores não estão apenas ensinando língua e comunicação por meio da escrita, mas propiciando que esses indivíduos tomem a palavra e, por meio dela, tornem-se protagonistas de seus projetos de dizer em diversas cenas sociais.

Dessa forma, defendemos a presença do jornal no ambiente escolar devido à variedade temática, ao poder informativo e persuasivo nos discursos, à atualidade de assuntos e à facilidade de acesso em diversos ambientes letrados. Com isso, tal suporte midiático parece-nos ser bem aceito nos espaços escolares a fim da exploração do seu potencial pedagógico. Trabalhamos, também, a partir da suposição de que a produção jornalística pelos estudantes pode proporcionar um espaço para que eles se tornem sujeitos na promoção de seus letramentos por meio da editoração de um jornal escolar autêntico para a comunidade interna à escola, como para leitores externos a ela.

No cumprimento, então, de nossas atividades como pesquisadoras, tomamos conhecimento das práticas de escrita de um grupo de estudantes de uma escola pública municipal de tempo integral, na cidade de Fortaleza, chamado *Clube do Jornal*. Esse pequeno grupo empreende a editoração de jornais escolares como também cuida de sua divulgação impressa junto à comunidade escolar. O objetivo da presente pesquisa configurou-se, então, em analisar o exercício do protagonismo juvenil quanto às ações de letramento midiático na produção de um jornal escolar.

Para isso, a organização deste texto se compõe, além desta introdução, de uma fundamentação teórica acerca do letramento midiático, de conceitos sobre o jornal escolar, bem como do protagonismo juvenil. Dando continuidade, apresentaremos os caminhos da pesquisa em termos metodológicos. Após esses aspectos, teremos o momento destinado à discussão dos resultados e à exposição das considerações finais, conforme o objetivo traçado.

METODOLOGIA

A presente investigação, em sua propositura, teve uma abordagem qualitativa por se tratar de uma análise, de uma reflexão, através do estudo das ações sociais, individuais e grupais dos sujeitos envolvidos, realizando um exame intensivo dos dados em fonte direta destes (MARTINS, 2004). O estudo teve ainda um caráter etnográfico (CHIZZOTI, 2006), uma vez que, para analisarmos o exercício do protagonismo durante a produção do jornal escolar, necessitamos, por algum período, estabelecer uma vivência direta com o *Clube do Jornal*.

Quanto ao local, tratou-se de uma Escola de Tempo Integral (ETI), que faz parte da rede pública municipal de Fortaleza, considerada do tipo urbana, a qual atende discentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O nome real da instituição foi mantido em sigilo em toda a extensão deste texto, como um dos preceitos que envolvem a ética na pesquisa.

Em relação aos participantes, foram 25 estudantes do *Clube do Jornal*, sendo 21 discentes do 6º ano e 4 do 7º ano. Vale ressaltar que eles estão nomeados, no decorrer deste texto, pela função que ocupavam dentro do clube no momento da pesquisa, e que a investigação utilizou termos de assentimento – para as crianças -, e de consentimento – para seus pais e/ou responsáveis conforme estabelece o Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) com humanos.

É apropriado também esclarecer que este trabalho foi produzido utilizando dados do acervo da pesquisa de mestrado da autora principal (DUTRA, 2018) enquanto que as coautoras realizaram colaborações significativas para a elaboração deste texto em específico, uma vez que elaboramos um novo objetivo mediante uma nova problematização, e, conseqüentemente, encontramos resultados diferenciados dos relatados na dissertação. Além disso, trabalho semelhante foi publicado nos anais do VI CONEDU, no ano de 2019, conforme as normas exigidas naquele momento. A partir dessa publicação exitosa, procedemos a ampliações e a melhorias no texto a fim de concretizarmos a publicação para o E-book no ano de 2020.

Para a construção dos dados usamos as técnicas de observação participante, a entrevista semiestruturada e a elaboração de cartas por parte dos integrantes do grupo midiático. No caso, observamos a elaboração de uma edição inteira do jornal escolar, buscando compreender as ações protagonistas envolvidas nesse processo.

Em relação à entrevista semiestruturada, elaboramos perguntas voltadas ao presidente do *Clube do Jornal* e à secretária temporária a fim de percebermos o que eles entendem sobre protagonismo juvenil e como o realizam. Esses cargos de gestão dentro do clube foram o motivo da escolha dos próprios participantes.

Para finalizar, solicitamos a cada estudante desse clube – dos 25 componentes, 13 participaram - a elaboração de uma carta pessoal direcionada hipoteticamente a um colega de outra escola informando-lhe o que é necessário para desenvolver o projeto do jornal escolar, baseando-se no que eles vivenciam na instituição de ensino. E nessa reflexão também pudemos coletar dados acerca do protagonismo, os quais encontraremos mais adiante neste texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: ANALISANDO O PROTAGONISMO JUVENIL NO CLUBE DO JORNAL

Para melhor entendimento sobre as categorias do letramento midiático (*representação, produção, uso da língua e audiência*) propostas por Buckingham (2010) descreveremos, com nossas palavras, as explicações de Buckingham (2010) a fim de percebermos como o letramento midiático e o jornal escolar coadunam com ações de protagonismo em meio ao ambiente educacional.

Desse modo, o primeiro aspecto a ser definido é o da *representação*, o qual tem a ver com as tomadas de posição e as intencionalidades dos sujeitos escritores. Podemos pensar a *representação* no momento em que os estudantes planejam o formato do jornal, quando produzem os textos respaldados pelas vivências que eles têm dentro e fora da escola, escolhendo consciente e/ou inconscientemente assuntos, discursos, motivações e valores ideológicos que acabam perpassando suas produções. Dessa forma, os discentes redatores passam a desenvolver uma postura protagonista, pensante a respeito do mundo ao seu redor e que efetiva escolhas textuais - não impostas pelos professores.

No que se refere ao uso da *língua*, trata-se da utilização dos diversos mecanismos linguísticos utilizados – ou não – pelos estudantes na construção dos gêneros discursivos/textuais do jornal escolar. Essa compreensão da língua materna, a partir das produções escritas dos estudantes, é uma forma de percebermos como essa materialização está atrelada aos conhecimentos funcionais do próprio código linguageiro por parte dos sujeitos da pesquisa, considerando também o que eles conhecem a respeito dos gêneros do jornalismo, e como os produzem para atingir certos objetivos da escrita. Atrelado a esse conhecimento da língua, os textos revelam a identidade de quem está escrevendo.

A respeito da *produção*, implica entender quem escreve e o lugar de onde escreve. Trata-se de um aspecto ligado à tomada de decisões, a subjetividades, a escolhas e ao contexto histórico e cultural em que esse indivíduo produtor está inserido, considerando os papéis sociais exercidos na estrutura do jornal escolar. Logo, os caminhos que configuram essa escrita estão

marcados pelas idas e vindas, pelas construções e desconstruções, pelos erros e acertos, muito analogamente ao que ocorre em uma redação jornalística “de verdade” - em que o processo de produção é regido por complexidades inerentes ao ato de escrever social e dialógico – porém, inserido em vivências escolares.

Nessa perspectiva, o jornal escolar também passa por exigências de promoção, de patrocínio e de publicação, mesmo que essas atividades não sejam pensadas profissional e comercialmente. Os estudantes precisam construir suas pautas de assunto, buscar fatos relevantes do meio escolar e selecionar gêneros jornalísticos que melhor se adequam à determinada proposta de escrita social circunscrita à instituição educacional. Portanto, é verídico constatar que esse aspecto conceitual está bastante interligado aos demais – *representação, língua e audiência* – pois as atividades que envolvem toda a produção jornalística escolar são norteadas por concepções de mundo, são construídas através das convenções linguísticas e são idealizadas pensando em um leitor específico.

Por fim, um último aspecto conceitual ligado ao letramento midiático é a *audiência*. Sabendo que a *audiência* se refere ao público destinatário do jornal escolar, compreendemos essa *audiência*, nesse caso, como sendo, inicialmente, os leitores existentes na própria escola, incluindo gestores, professores, funcionários, estudantes e seus pais. No entanto, a função discursiva do jornal escolar pode ser expandida para fora da instituição, o que, na verdade, possibilita que o público-leitor seja potencializado em quantidade e em perfil, uma vez que os estudantes podem distribuir alguns exemplares pela comunidade extraescolar. Essa audiência poderia incluir, portanto, leitores em mercadinhos, em outras instituições governamentais, em setores comerciais e em diversos outros locais circunvizinhos à escola.

Assim, o educando será sempre visto como um sujeito interativo e social, que se relaciona com o outro intersubjetivamente. As práticas letradas, portanto, são consideradas atividades criadoras e constitutivas de múltiplos conhecimentos e identidades, para além do aspecto linguístico. Por isso mesmo elas são transformadoras, como Smolka (1999, p. 60) afirma em “[...] é fundamental considerar a concepção transformadora da linguagem, uma vez que não se pode pensar a elaboração cognitiva da escrita independentemente da sua função, do seu funcionamento, da sua constituição e da sua constitutividade na interação social”.

Portanto, pela linguagem jornalística – no caso deste trabalho –, os estudantes, na interação com os outros, têm condições de conhecer a realidade, formulando e reformulando maneiras de entender o mundo, a sociedade, eles mesmos, enquanto sujeitos da linguagem e produtores dos textos presentes no jornal escolar; resultando em ações midiáticas que comprovam o caráter de protagonismo estudantil na editoração de um jornal escolar.

Para analisarmos as posturas dos participantes desse estudo e para melhor compreensão sobre o termo protagonismo associado à educação trouxemos a concepção apresentada por Ribas Júnior (2004, p. 3), com a qual comungamos.

O termo “protagonismo” refere-se à nossa capacidade de participar e influir no curso dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social. Exercer o protagonismo significa não ser indiferente em relação aos problemas de nosso tempo. Protagonismo juvenil é a participação consciente dos adolescentes em atividades ou projetos de caráter público, que podem ocorrer no espaço escolar ou na comunidade: campanhas, movimentos, trabalho voluntário ou outras formas de mobilização.

Essa definição de protagonismo coaduna com a ideia de uma educação libertadora, muito preconizada pelos estudos de Freire (2014), a qual incentiva as pessoas a serem sujeitos de sua própria história e a transformarem as circunstâncias da realidade em que estão inseridas. Partindo, então, dessa concepção, principalmente quando se refere à participação consciente dos adolescentes em projetos no espaço escolar, fazemos uma relação imediata com o protagonismo que é exercido pelos estudantes do *Clube do Jornal*.

Nessa perspectiva, a produção do jornal escolar que estamos analisando sinaliza para uma ação ampla e complexa de protagonismo desses estudantes por meio dos usos da linguagem escrita. A partir do ciclo de observações que realizamos, foi percebido que os integrantes do jornal têm bastante liberdade para elaborar as edições, podendo realizar reuniões e bingos para angariar recursos financeiros, bem como distribuir os exemplares de sala em sala, digitar os textos no laboratório de informática, dentre outras ações que competem ao processo de produção desse veículo comunicativo. É notório que a diretora da escola e a professora responsável pelo *Clube do Jornal* não costumam interferir nas decisões desses estudantes, deixando-os à vontade e colaborando quanto a questões técnicas e de logística, como: impressão, espaço e horário para a realização dos bingos e das reuniões, carimbos nas cartelas do bingo, breves correções dos textos etc.

No transcorrer desse processo, vimos que o protagonismo exercido pelos estudantes tem sido essencial para que os seus letramentos sejam expandidos com mais identidade, autonomia e, principalmente, indícios de autoria (POSSENTI, 2002). Analisamos, porém, que essa quase isenção dos representantes da escola – do núcleo gestor e dos professores – limita as possibilidades de se elaborar um jornal ainda melhor, mais ampliado discursivamente.

Um caminho interessante seria a realização de oficinas para o conhecimento e para a divulgação de aplicativos digitais gratuitos que didatizam os enunciados/textos do jornal, com

a finalidade de uma melhor distribuição gráfica e organização visual. Outra atitude poderia ser a parceria da escola com agências da mídia jornalística, com a promoção de visitas e de palestras de jornalistas profissionais à escola, como forma de incentivo a uma vivência mais próxima dos procedimentos utilizados em uma publicação real.

Em outros termos, dentre tantas ações exitosas que podem ser realizadas, ratificamos que uma participação mais efetiva da escola, como a principal agência de letramento (KLEIMAN, 2005) possibilitaria que esse veículo midiático fosse mais bem aproveitado e que os estudantes pudessem desenvolver ainda mais as suas habilidades de uso da escrita, pautadas em um letramento mais ideológico do que autônomo (STREET, 2014).

Isso também é comungado por Baltar (2010, p. 186) ao defender que um projeto de escrita, como o jornal escolar, por exemplo, pode e deve receber colaborações não exclusivas do professor de língua materna, mas de todo o corpo docente, da direção, dos funcionários e dos responsáveis dos estudantes. Segundo o autor,

embora seja importante contar com um professor de língua para participar da coordenação do projeto crítico de letramento midiático na escola, principalmente quando surge a necessidade de aprimorar os textos que são produzidos pelos participantes do projeto, é interessante que mais colegas de outras disciplinas possam trabalhar conjuntamente, abrindo espaço na mídia que estará sendo construída na escola para uma pluralidade de discursos. Também é imprescindível que a implantação de uma mídia na escola tenha a chancela do corpo diretivo (diretora, vice-diretora e coordenadoras pedagógicas) e do conselho escolar (pais e mães de alunos e funcionários) e dos representantes estudantis. (BALTAR, 2010, p. 186)

Uma vez que cada clube da escola em questão tem um(a) professor(a) responsável, o presidente do *Clube do Jornal*, doravante *CJ*, informa que a função da professora representante do *CJ*, no entendimento interpretativo das pesquisadoras, é bastante limitada; sendo centrada em empréstimos de materiais tecnológicos e em correções das produções escritas.

Presidente do CJ: Todos os clubes eles têm um representante do clube, que é obrigatório ser os professores. Então, nós, no caso do meu clube, temos a professora de Português. Ela é que, às vezes, empresta o computador, o celular, o cabo USB, essas coisas que facilitam as entrevistas e todos os tipos de coisas do jornal. Quando nós sabemos de alguma notícia, aí nós..., eu escrevo em um caderno, que é esse aqui, eu escrevo nesse caderno e depois eu faço uma cópia, passo *pro* meu *pendrive*, faço uma cópia e passo e dou *pra* ela; ela olha toda a folha e marca as palavras que estão erradas ou as palavras que podem melhorar, essas coisas...[sic] (DUTRA, 2018, p.82).

Esse tipo de apoio parece se distanciar da proposta de Bonini (2011) quando afirma que o jornal escolar pode ser um excelente instrumento de ensino-aprendizagem sobre os usos da linguagem, especialmente na perspectiva de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003). Ademais, tende a limitar o que poderia ser uma importante entrada dos estudantes em uma escrita de caráter mais social, autoral e protagonista (ANTUNES, 2009).

Portanto, podemos identificar nas ações observadas, em algumas declarações dos estudantes gestores do clube, nas entrevistas, e por alguns trechos das cartas pessoais que esses sujeitos estiveram sozinhos no processo, sem qualquer (ou pouca) orientação que os auxiliasse a respeito dos aspectos que envolvem a escrita de uma produção jornalística, mesmo que ela seja situada no ambiente educacional.

Entre esses aspectos, poderíamos destacar a recomendação feita pelos atuais documentos norteadores para a educação básica brasileira, que envolvem o eixo uso – reflexão – uso da linguagem, em que os professores poderiam orientar os estudantes acerca dos(as): I) principais gêneros discursivos/textuais dessa esfera de comunicação; II) diversos estilos de linguagem que poderiam ser utilizados; III) estruturas que se assemelham as de um jornal convencional; IV) temas mais voltados a esse suporte; V) estratégias para alcançar mais leitores; VI) movimentos retóricos dos gêneros que compõem o processo de edição; VII) práticas/eventos de multiletramentos que seriam interessantes para que o jornal fosse mais valorizado no contexto em questão. (BRASIL, 2018)

Ao nos referirmos a tais aspectos que poderiam estar sendo trabalhados pela docência da escola junto aos estudantes que protagonizam a produção do jornal, recuperamos as ideias de Baltar (2010) cuja defesa é a de que o auxílio de todos os atores sociais da escola, dentro de projetos de letramento, aponta para uma garantia de inovações e de ampliação das práticas letradas dos estudantes envolvidos. Isso certamente fortalece a autonomia e o autêntico protagonismo desses sujeitos, mas sem desobrigar a escola de suas funções pedagógicas.

Chamou-nos a atenção o fato de a comunidade escolar ainda não ter despertado para o jornal como uma ferramenta importante de desenvolvimento das práticas letradas dos estudantes (BONINI, 2011). Por isso, chegamos à ponderação de que a existência do clube e a elaboração do jornal são o resultado de uma atitude protagonista dos componentes, desde sua criação pelo presidente, até as ações que são pensadas e concretizadas por eles mesmos durante toda a trajetória de edição.

Destacamos que, no instrumental das cartas pessoais, dentre treze, onze estudantes – portanto, quase a totalidade - afirmaram que puderam escolher suas funções dentro do clube, o que exemplifica nitidamente que eles exercitam suas preferências dentro desse contexto sócio

discursivo. Isso se torna importante para motivá-los a participar dessa prática de letramento, que inclui diversos eventos de protagonismo, como: reuniões, decisões variadas, levantamento de assuntos relevantes, escrita independente, digitação e formatação por eles mesmos até chegar à distribuição voluntária do exemplar impresso.

O trecho de uma das cartas, reproduzido a seguir, descreve esse movimento de participação quase que exclusivo dos estudantes, durante a editoração. Um discente, cuja função é ser um procurador de informações, mencionou a orientação da professora como uma pessoa que presta assistência para a impressão do jornal e para uma rápida revisão textual.

Procurador de informações: Eu sou um procurador de informações, eu procuro alguma coisa pela escola, e escrevo o que acontece de mais interessante e mando para o líder, para ele ler. Se ele achar bom (legal), nós mandamos para outras pessoas com mais experiência. A professora de Português orienta a gente, porque não temos um computador, e ela imprime e dá uma olhada. Tem as reuniões, eu sento junto com o presidente do clube e converso sobre alguns assuntos e o que pode melhorar no *clube do jornal* (DUTRA, 2018, p. 84).

Além da percepção que nos é passada acerca do protagonismo dos estudantes - que realizam toda a produção discursivo-jornalística sozinhos e que a participação da docente é mais de ordem técnica - a fala anterior também nos remete a refletir que o CJ obedece a uma certa hierarquia pautada nas funções inerentes a cada participante.

Ou seja, mesmo sendo um “procurador de informações”, ele recorre ao presidente do clube para saber se os assuntos que ele coletou junto à comunidade escolar estão de acordo com o propósito do jornal, e quem dá a resposta final sobre essa escolha é o presidente. Podemos, a partir dessa iniciativa dos estudantes, que buscam auxiliares para corrigir os textos e para decidir o que é melhor para a publicação, traçar um paralelo com as ideias vygotskianas sobre a mediação por um par mais experiente que coopere para o processo da aprendizagem.

Em outra carta pessoal, uma estudante concluiu o texto da seguinte forma: “As vantagens desse jornal é que nós *se* tornamos protagonistas. No futuro pretendemos publicar jornal para a região” [sic]. Certamente, por todas as ações que esse grupo realiza dentro da instituição, eles se sentem protagonistas, especialmente quanto ao letramento midiático, pois resolvem entre si todo o processo de uma edição jornalística, bem como toda a organização do *Clube do Jornal*, determinando: as lideranças; os assuntos; as novidades na composição; as funções dos componentes; os momentos de reunião; os gêneros discursivos/textuais; os eventos de arrecadação financeira, como bingos e/ou rifas; o sistema de hierarquia; os passeios, a divulgação dos exemplares; o enfrentamento de dificuldades etc.

Para melhor visualizar e entender o exercício do protagonismo dentro do *Clube do Jornal*, elaboramos uma tabela que mostra essas ações e quantos estudantes as citaram em suas cartas pessoais. Dessa forma, fica notório perceber a relevância de cada aspecto na reflexão dos discentes.

Tabela 1 – Ações protagonistas no Clube do Jornal

AÇÕES QUE OS ESTUDANTES PROTAGONIZAM NO CLUBE DO JORNAL	QUANTIDADE DE CARTAS
Levantam e levam informações, assuntos, notícias, casos, conteúdos e fofocas	11
Podem escolher as funções de participação	8
Realizam reuniões	7
Podem escolher os gêneros discursivos/textuais	3
Têm um líder	3
Divulgam para toda a escola, convivem com os colegas	3
Enfrentam dificuldades e desafios	3

Fonte: Adaptada pelas autoras, a partir de Dutra (2018).

Fica nítido, então, por meio de todas as discussões aqui desenvolvidas, que as práticas e os eventos de letramento midiático, durante a produção de um jornal escolar, promovem ações relevantes de protagonismo no contexto de estudantes do ensino fundamental. Apesar desses traços positivos, vale a pena mencionar que eles acabam agindo, na maioria das vezes, por intuição acerca do que consideram ser o processo de edição de um jornal escolar.

Mesmo recebendo anuência por parte das autoridades escolares para produzirem tal escrita dentro do ambiente educacional, a dimensão linguístico-discursiva e pedagógica dessa assessoria parece ainda pouco eficaz, pois quem poderia orientá-los nesse processo, principalmente os professores de língua materna e os gestores, tendem a dar mais uma “mão amiga” para que o jornal aconteça do que uma legítima orientação docente, na intenção de aliar práticas de protagonismo com a aprendizagem efetiva de leitura e de escrita dentro da escola.

Vale ressaltar que as próprias diretrizes curriculares para o ensino da língua no país, inclusive as postas na BNCC- Base Nacional Comum Curricular- têm trazido em suas vertentes um ensino que propicie práticas de leitura e de escrita que perpassem as diferentes esferas sociais, bem como apontam a necessidade de aprofundar o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático, haja vista que tais gêneros são considerados estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e para a persuasão.

Por essa razão, os gêneros discursivos devem ser incorporados não apenas como uma atividade extracurricular, mas que se integrem às diversas situações de aprendizagem no âmbito escolar, ampliando a participação dos estudantes nas práticas relativas ao trato com a

informação e com a opinião, desenvolver assim a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem em sua comunidade, na sua cidade e no mundo, incorporando a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, para que possam desenvolver, dessa forma, autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e a posicionamentos diversos. (BRASIL, 2018). Ainda segundo a BNCC,

Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, [...], dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, [...], como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável. (BRASIL, 2018, p. 140).

Nessa perspectiva, faz-se necessário que a escola como agente de letramento desenvolva estratégias capazes de construir práticas letradas importantes para a vida social assim como defende Kleiman (2014). É preciso que o letramento torne-se um vetor para a constituição de um sujeito livre capaz de contribuir para as mudanças sociais, assim como defende essa autora.

Além disso, podemos destacar que essa recente legislação para a educação básica brasileira valoriza as diversas linguagens que ocorrem nos mais diversos campos de atuação da vida em sociedade, e um deles se refere ao campo jornalístico-midiático o qual se “caracteriza pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário” (BRASIL, 2018, p. 480).

O documento ainda enfatiza a construção de uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e à circulação de informações sobre os mais variados assuntos. Diante de todos esses estudos, ratificamos a importância da proficiência da escrita estudantil em jornais escolares, pois objetiva fortalecer a formação de professores, o protagonismo dos estudantes e as aprendizagens relativas ao letramento midiático.

Acreditamos, então, que professores e estudantes são coparticipantes de todo esse processo de letramento midiático dentro da escola. Nessa perspectiva, enfatizamos também como referencial teórico a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa do Ensino Médio, que preconiza o seguinte sobre a área de Linguagens na escola:

a ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das

linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias (BRASIL, 2018, p. 470).

Na esteira desse pensamento, o documento educacional estimula a criação de “situações de trabalho mais colaborativas, que se organizem com base nos interesses dos estudantes e favoreçam seu protagonismo”, como laboratórios, oficinas e clubes. No caso dos clubes, destacamos o Clube do Jornal pois, conforme a base curricular, os clubes “são agrupamentos de estudantes livremente associados que partilham de gostos e opiniões comuns” assim como enfatizaremos as oficinas pois são “espaços de construção coletiva de conhecimentos, técnicas e tecnologias, que possibilitam articulação entre teorias e práticas” (BRASIL, 2018, p. 472).

Além disso, podemos destacar que essa recente legislação para a educação básica brasileira valoriza as diversas linguagens que ocorrem nos mais diversos campos de atuação da vida em sociedade, e um deles se refere ao campo jornalístico-midiático o qual se “caracteriza pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário” (p.480). O documento ainda enfatiza a construção de uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e à circulação de informações sobre os mais variados assuntos. Diante de todos os resultados desta pesquisa assim como dos estudos vinculados a ela, ratificamos a importância do letramento midiático e dos aspectos de protagonismo juvenil que ele pode proporcionar na perspectiva da proficiência da escrita estudantil em jornais escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o exercício do protagonismo juvenil quanto às ações de letramento midiático na produção de um jornal escolar. Na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizamos, como técnicas de construção de dados, a observação participante, a entrevista semiestruturada e a escrita de cartas pessoais. Como resultados, analisamos que o protagonismo juvenil, durante a produção do jornal escolar na instituição em estudo, está presente em diversas atividades de letramento midiático, como no(a):

- realização de reuniões,
- escolha dos assuntos e dos gêneros discursivos/textuais para a edição;
- digitação dos textos;
- organização do sistema de hierarquia;
- escolha de função por cada integrante;

- levantamento de informações para a escrita dos textos;
- momentos de convivência;
- agendamento de passeios;
- levantamento de recursos financeiros;
- reflexão sobre desafios;
- planejamento de melhorias para o jornal, dentre outras ações.

Portanto, concluímos que as ações de protagonismo juvenil desses sujeitos, mediadas pelo letramento midiático durante a produção de um jornal escolar, são relevantes dentro da escola. Enfatizamos, porém, que o protagonismo desses educandos é ainda bastante intuitivo uma vez que lhes falta uma efetiva orientação sobre o letramento midiático, por parte dos professores e dos gestores, principalmente em relação às aprendizagens de leitura e de escrita.

Isso deixa evidente que o jornal escolar protagonizado pelos estudantes nessa instituição é uma atividade que permanece à margem do currículo, sendo, então, vivenciado em momentos esporádicos, sem uma sistematização pedagógica consistente. Além dessas considerações, por ser circunscrito a uma atividade situada de contexto escolar, pudemos perceber que as preocupações dos estudantes focam o interior da escola, e que a audiência pretendida se revela, predominantemente, no próprio grupo discente.

Foi possível também refletir como professores e gestores colaboram para a difusão das atividades do CJ, possibilitando que os integrantes tenham liberdade em suas ações durante a editoração. Eles colaboram com questões de técnica, de material e de logística, embora as autoridades escolares pudessem ser mais participativas quanto ao efetivo desenvolvimento letrado dos estudantes, uma vez que não aproveitam esse projeto para ampliar as competências e as habilidades escritoras e leitoras do alunado. Nesse sentido, deixam os integrantes do CJ muito à vontade no processo, sem suficientes orientações pedagógicas de aprendizagem da escrita, nos moldes do que direcionam os pesquisadores do letramento social e crítico, daí o fato de ratificarmos que os educandos em questão agem prioritariamente pelo que denominamos, nesta pesquisa, de protagonismo intuitivo.

Com isso, vale destacar que um grupo considerável de estudantes do ensino fundamental, mesmo diante de diversas problemáticas de uma escola pública de periferia, identifica-se com a prática da escrita jornalística e busca realizar o jornal escolar com as condições que lhe são oferecidas. Entretanto, a escola ainda prioriza uma escrita circunscrita às atividades convencionais da sala de aula, pois deixam esses alunos-protagonistas sozinhos no caminho do letramento midiático e, dessa forma, eles não adentram em novas possibilidades de

uso do jornal, que poderia ser conjugado a experiências efetivas de multiletramentos (ROJO; BARBOSA, 2015).

Certamente nossa investigação não encerra aqui, podendo outros trabalhos acadêmicos nossos e de outros autores ampliarem os estudos relacionados ao jornal escolar e às ações protagonistas inerentes a esse suporte midiático.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BALTAR, M. Letramentos e gêneros textuais midiático-escolares. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 177–190, jan./jun. 2010.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set/dez, 2010.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DUTRA, Giselle Bezerra Mesquita. **O processo e o produto editorial de um jornal escolar impresso**: investigação acerca do letramento jornalístico de estudantes do ensino fundamental. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Brasília: Ministério da Educação. Cefiel/IEL; São Paulo: UNICAMP, 2005-2010. 65 p. Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais.

_____. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana, São Paulo, 2014.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. **Perspectiva**, v. 20. n. 1, p.105-124, jan./jun. 2002.

RIBAS JÚNIOR., F. B. Educação e protagonismo juvenil. In: **PRATTEIN Consultoria em Desenvolvimento Social [Site]**, São Paulo 2004. Disponível em: <<http://www.prattein.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 8. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

STREET, B.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 121-144.